

# **IDEALIZAÇÃO E ONIPOTÊNCIA NA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA: A DROGADICÇÃO COMO ILUSTRAÇÃO**

*Bianca Bergamo Savietto*\* *Marta Rezende Cardoso*\*\*

## **RESUMO**

*O foco deste trabalho, dedicado à singularidade da juventude contemporânea, são os possíveis entraves aos processos de subjetivação na passagem da infância à vida adulta. Partindo-se da suposição de possíveis imbricações da dimensão narcísica parental com a filial, é enfatizada a formação das instâncias ideais, particularmente a relação entre ego ideal e ideal do ego, complementada por análise da idealização e da sublimação. Como ilustração das proposições desenvolvidas, é explorado o papel das instâncias ideais, e a dominância do ego ideal na drogadicção. Considera-se que o incremento desta esteja articulado a particularidades dos processos de subjetivação dos jovens da contemporaneidade.*

*Palavras-chave: juventude contemporânea; idealização; onipotência; ego ideal; drogadicção.*

## **IDEALIZATION AND OMNIPOTENCE IN CONTEMPORARY YOUTH: THE ADDICTION TO DRUGS AS AN ILLUSTRATION**

### **ABSTRACT**

*The central focus of this paper, dedicated to the uniqueness of contemporary youth, is the issue of possible hindrances to the process of subjectivation in the experience of transition from childhood to adulthood. Starting from the assumption of possible imbrications of the narcissistic dimension of parents and children, we emphasize the formation of the ideal agencies, particularly the relationship between ideal ego and ego ideal, complemented by an analysis of idealization and sublimation. As an illustration of the propositions developed, are also explored the role of the ideal agencies and the prevalence of the ego*

---

\* Psicóloga; Mestre e Doutora (com bolsa CAPES) em Teoria Psicanalítica pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ. Pós-doutoranda do Instituto de Psicologia da USP (bolsista FAPESP). Endereço: Rua Tutoia, 454/71, Paraíso, São Paulo - SP, Brasil. CEP: 04007-002.

E-mail: [biancasavietto@yahoo.com](mailto:biancasavietto@yahoo.com)

\*\* Psicóloga; Psicanalista; Doutora em Psicanálise e Psicopatologia Fundamental pela Universidade de Paris Diderot – Paris 7- França; Professora Associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica). Endereço: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. Av. Pasteur, 250 – fundos - Praia Vermelha. CEP: 22010-010 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

E-mail: [rezendecardoso@ig.com.br](mailto:rezendecardoso@ig.com.br)

*ideal in the phenomenon of addiction to drugs. The increase of this phenomenon is seen as articulated to the peculiarities that mark the subjectivation processes of contemporary youth.*

*Keywords: contemporary youth; idealization; omnipotence; ego ideal; addiction to drugs.*

O objetivo do presente artigo, voltado para alguns aspectos singulares que caracterizam, no nosso entender, a juventude contemporânea, é examinar a questão dos entraves aos processos de subjetivação e à caminhada rumo à independência no momento de entrada do sujeito na vida adulta. Procuraremos igualmente mostrar, a título de ilustração de nossas ideias, que tais entraves podem em muito favorecer a emergência do fenômeno da adicção às drogas.

Supondo a existência de possíveis imbricações entre a dimensão narcísica parental e a filial, exploraremos a questão da formação das instâncias ideais e a da relação entre ego ideal e ideal do ego, tópico que julgamos ter grande importância em nossa investigação sobre a juventude contemporânea. Tentaremos mostrar o papel dessas instâncias no funcionamento mental do jovem, em particular do jovem drogadicto, considerando que esta problemática encontra-se articulada, de maneira estreita, a determinadas particularidades que marcam o contexto contemporâneo, especialmente no que concerne ao espaço da família e à complexa relação entre pais e filhos.

### IDEALIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA E IMPASSES NARCÍSCOS

Diversos autores vêm indicando a existência de exacerbada valorização da adolescência, em voga na cultura contemporânea. Joel Birman (2008), por exemplo, afirma vir se propagando pelo espaço social um ideal de experimentação permanente, o qual se encarna num estilo adolescente de existência. Ana Paula Rongel Rocha e Cláudia Amorim Garcia (2008), por sua vez, falam em um ideal de liberdade, que se encontraria difundido como um dos valores mais caros ao cenário cultural contemporâneo. Segundo as autoras, a transitoriedade identitária e a mobilidade estão de acordo com o ideal de liberdade, já que a manutenção do fluxo de identidades múltiplas representa liberdade de escolha para o estabelecimento de relações com os mais diversos tipos de pessoas e para a admissão dos inesgotáveis estilos oferecidos como possibilidade pela lógica do consumo. E que figura encarna melhor a transitoriedade identitária, a mobilidade e o ideal de liberdade que o adolescente? A adolescência, com seu essencial caráter de condição de mudança, tornou-se um dos maiores símbolos do cenário cultural da atualidade.

Elevado à categoria de ideal, o universo *teen* invadiu o imaginário dos adultos, ficando visível para os adolescentes que os adultos desejam ser como eles. Apoiados nesta ideia de a própria adolescência ter-se tornado um ideal cultural, indagamos: quem vai querer ser adulto neste mundo “*teenegizado*”? A propagação dos ideais *teen* pelo tecido social, compartilhados por adolescentes, jovens adultos e adultos – ou, tomando emprestada a expressão cunhada por Maria Rita

Kehl (1998), a “*teenagização*” de nossa cultura – constitui, no nosso entender, expressivo obstáculo ao encerramento da adolescência. Da assunção, por parte das figuras parentais contemporâneas, de um estilo adolescente de existência, decorre o fenômeno de unificação geracional, o que nos permite supor, em sua base, uma progressiva fragilização da autoridade simbólica dessas figuras.

No que se refere a tal fragilização, hoje vemos figuras parentais dominadas pela interrogação acerca da melhor maneira de exercer a autoridade sobre os filhos e propendendo à paralisação e a ausentar-se do exercício da autoridade. Assim, as diferenças simbólicas que não podem deixar de marcar o pertencimento geracional vêm sendo borradas, e a tendência ao estabelecimento de relações simétricas vem produzindo ruído no meio familiar.

As recomposições que vigoram nas famílias da atualidade também contribuem para o comprometimento da construção de uma hierarquia simbólica, uma vez que, diante delas, vemos figuras parentais perplexas diante de perguntas como: qual é o meu papel junto aos filhos com os quais não vivo mais? E junto aos filhos de meu novo (a) companheiro (a) com quem convivo cotidianamente? A pergunta que não quer calar, e para a qual nos parece que as figuras parentais têm se embaraçado para achar resposta, emudecendo-se em última instância, é: quem deve exercer autoridade sobre quem?

Contanto que cada um ache seu lugar, todas as figuras são possíveis nas mais diversas configurações familiares hoje existentes. Entretanto, as figuras parentais encontram-se frequentemente perdidas, tendendo à incapacidade de achar seus lugares, de exercer sua autoridade de forma mais adequada e de, dessa forma, deixar marcadas as diferenças simbólicas que dão ensejo à assimetria geracional.

Retomando a questão tangenciada acima acerca do estabelecimento de obstáculos ao encerramento da adolescência, parece-nos notório que, em se tratando dos adolescentes inseridos no contexto cultural e familiar da atualidade, esteja havendo um prolongamento desta etapa da vida subjetiva, de maneira que observamos um modo de funcionamento psíquico próprio à adolescência subsistir em sujeitos que poderiam ser denominados jovens adultos. Neste sentido, Luís Claudio Figueiredo, por exemplo, fala em um “prolongamento interminável da adolescência que vai se tornando endêmico na sociedade contemporânea” (FIGUEIREDO, 2006, p. 67).

Para além da “*teenagização*” de nossa cultura e, ainda, de demais elementos que tendem a obstaculizar a “*superação*” da condição adolescente, pensamos estar havendo forte resistência, por parte dos jovens da contemporaneidade, ao trabalho de luto dos pais da infância. Fazemos referência aqui à inescapável exigência, na adolescência, de um trabalho interno de elaboração das perdas inerentes a esta travessia, dentre elas, a perda da condição infantil, perda dos pais próprios à vida infantil. A partir da entrada na adolescência, impõe-se um novo tipo de vínculo do sujeito com as figuras parentais, em razão, dentre outros fatores, da demanda de autonomia que está implicada nesta passagem.

Ora, a resistência em assumir essa nova posição subjetiva, a resistência, em última análise, a realizar esse trabalho de luto dos pais da infância, pode vir a atravancar o remanejamento das identificações que precisa ser levado a cabo na adolescência (KNOBEL, 1981; CARDOSO, 2001; PINHEIRO, 2001). Tal resistência torna custoso o investimento em novos objetos, e faz preponderar, em seu lugar, a manutenção de vigoroso vínculo com os pais idealizados, absolutos e onipotentes da infância.

A consolidação dos processos de subjetivação próprios à adolescência depende tanto da possibilidade de elaboração das perdas por parte do adolescente, quanto da possibilidade de tal elaboração por parte de sua família (EIGUER, 2001). Quanto mais difícil for, para os pais do adolescente, realizar esse trabalho de aceitação, mais difícil será, para o próprio adolescente, elaborar os lutos típicos da adolescência – entre eles, o luto das figuras parentais da infância.

O narcisismo parental é intensamente abalado quando os pais se veem diante da tarefa de aceitação da perda do estado infantil de seus filhos. Afinal, estes últimos, ao consolidarem seus processos de subjetivação e assumirem uma identidade própria e adulta, deixarão efetivamente de ser “Sua Majestade o Bebê” (FREUD, 1976[1914]), herdeiros das ambições e desejos parentais mais preciosos. É preciso, portanto, que os pais sejam capazes de lidar com o abalo ao seu narcisismo gerado pela realidade de que suas frustrações não serão necessariamente “reparadas” por seus filhos. Aceitar que o filho não é mais criança é aceitar que ele é um sujeito singular, com seus próprios desejos e ambições, e, sendo assim, que ele não vai, necessariamente, realizar os sonhos parentais e compensar suas frustrações. Além de aceitar a diferença filial, é preciso que aceitem que o investimento dos filhos, inclusive o desejo filial incestuoso, de caráter inconsciente, seja redirecionado para outros objetos. A “superação” da revivência do Complexo de Édipo, essencial para que a adolescência se encerre de maneira bem-sucedida, não pode prescindir de que os pais abram mão de ser os únicos objetos de amor e de desejo dos filhos.

Porém, na família dos jovens da atualidade, frequentemente o filho torna-se depositário de esperanças descomedidas, além de ser venerado dentro de uma lógica que podemos qualificar como narcísica (EIGUER, 2001). Quando isso ocorre, estamos diante de famílias marcadas pela prevalência de vínculos fundamentalmente narcísicos (em detrimento dos vínculos objetivos), isto é, de famílias em que os pais parecem ter dificuldades quanto a imaginar o desejo de seus filhos para além de seus próprios desejos pessoais, em que as diferenças e as individualidades revelam-se borradas, tendendo ao desaparecimento, em que as funções do pai e da mãe são mal definidas e os vínculos de parentalidade enfraquecidos. Rocha e Garcia (2008, p. 630, grifo nosso) sublinham:

Com efeito, os adolescentes contemporâneos parecem haver herdado das gerações anteriores não só o direito de desfrutar as conquistas realizadas por elas, mas também o *dever de realizar os seus sonhos*, mediante a exigência de gozar a vida e toda a liberdade possível.

É possível afirmarmos que o narcisismo parental “vacilante”, quer dizer, dependente de um preenchimento que se dá, privilegiadamente, por meio da redução do filho a objeto narcísico, tende a pôr em xeque a constituição do próprio narcisismo filial, impedindo o indispensável processo de apropriação subjetiva. No que diz respeito a impasses à sólida constituição do narcisismo, cabe notar que as patologias narcísicas – dentre as quais podem ser pensadas a drogadicção, os demais tipos de adicção, a anorexia, a bulimia etc.; patologias estas cuja significativa incidência entre os jovens da contemporaneidade é tão notória quanto intrigante – são justamente aquelas em que o narcisismo se encontra em evidência, mas cuja evidência está ligada a impasses na sua constituição. É por isso que Jacques André descreve o relevo do narcisismo nas patologias narcísicas “menos como amor do que como sofrimento de si mesmo” (ANDRÉ, 1999, p. 73). Sobre este ponto, acrescenta igualmente André Green (1988) que os sujeitos das patologias narcísicas são, sob a ótica do narcisismo, sujeitos feridos e carentes.

A abordagem da questão, referida, em última instância, ao processo de apropriação subjetiva, parte, precisamente, do conceito de narcisismo. Entretanto, no que diz respeito às patologias narcísicas e aos entraves à apropriação subjetiva nelas envolvidos, é de um narcisismo em derrocada que se trata; derrocada ligada, principalmente, a complicações na elaboração do luto do objeto e no processo de diferenciação entre o ego e o objeto. Quando o trabalho de luto objetual e o processo de diferenciação encontram-se severamente comprometidos, o ego se vê diante de uma dominação interna, de possessão pelo objeto, em vez de achar-se frente aos processos de desprendimento próprios à diferenciação (ROUSSILLON, 2006).

Com base no destaque dado por Winnicott (1975[1953]) ao lugar de espelho ocupado pelos objetos primários, isto é, na importância atribuída à função de refletividade desses objetos, o fracasso de tal função pode ser apontado como um dos principais responsáveis pelo possível comprometimento no processo de diferenciação primária. Onde o ego se vê diante de dominação interna, de possessão pelo objeto, onde os processos de desprendimento próprios à diferenciação não encontram lugar, “indica-se o traço do fracasso histórico do ego quanto a encontrar seu reflexo no objeto, indica-se o fracasso da função de espelho do objeto [...]” (ROUSSILLON, 2006, p. 62, tradução nossa).

A posição crucial da função de espelho dos objetos primários está ligada ao caráter primariamente enigmático, para o sujeito, de seu próprio psiquismo. A realidade psíquica só se faz compreensível para o sujeito, ou seja, só adquire sentido, por meio da representação, isto é, na medida em que formas de mediação operam sobre ela. O seu caráter primariamente enigmático demanda, portanto, trabalho de mediação que deve ser realizado, exatamente, pelo psiquismo e pela função de espelho dos objetos primários. Isto significa que “para se ouvir, se ver, se refletir, o sujeito precisa ser escutado e ouvido por um outro-sujeito, ser olhado e visto, ser sentido por um outro-sujeito” (ROUSSILLON, 2006, p. 74, tradução nossa).

Nas primeiras relações entre o sujeito inserido em uma família marcada pela prevalência de vínculos fundamentalmente narcísicos e seus objetos primários, ao procurar seu reflexo, uma imagem própria, nesses objetos-espelho, o sujeito pode

vir a encontrar especial dificuldade de achá-los. Afinal, como distinguir suas diferenças, seus desejos pessoais com relação aos objetos parentais quando estes não reconhecem e valorizam o sujeito por suas singularidades? Como fazê-lo quando o narcisismo desses objetos parece depender de arranjo contrário ao confronto com a alteridade e oposto ao reconhecimento das diferenças e dos desejos subjetivos?

Apesar de fundamentar-se num primeiro tempo, o dos vínculos primários, o processo de apropriação subjetiva não se encerra aí. Sua continuidade se estende por todo o processo de maturação, e assume considerável relevo na ocasião da adolescência. E sempre que o processo de apropriação subjetiva está em questão, a maneira como o objeto responde a ela também está.

Uma vez que estamos no campo das articulações entre questões relacionadas ao narcisismo parental e à constituição do narcisismo filial – e este campo é extremamente caro às nossas reflexões sobre a singularidade dos processos de subjetivação dos jovens da atualidade – iremos explorar, a seguir, a questão da conjugação do narcisismo dos pais ao da criança, através de uma análise na qual tentaremos melhor apreender a formação e o papel das instâncias ideais.

### EGO IDEAL E IDEAL DO EGO

O ego ideal é uma instância constituída por meio da projeção da onipotência parental no sujeito. O nascimento de um filho traz à tona esta onipotência recalçada dos pais, engendrando o fortalecimento do próprio ego ideal das figuras parentais; este, então, é projetado sobre a criança, permitindo que nela também essa instância psíquica seja instaurada. Tal revigoramento da onipotência dos pais transmuta as figuras parentais numa “espécie de Rei Midas do narcisismo: tudo o que toca converte em atributo maravilhoso” (BLEICHMAR, 1985, p. 62). Quando se fala, portanto, da onipotência narcísica e da ilusão megalomaniaca da criança, há de se ter em vista que se trata, na verdade, da onipotência parental “invertida”, projetada na criança, vivida como tal e introjetada por ela (LAPLANCHE, 1985).

Achando-se os pais “sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele” (FREUD, 1976[1914], p. 108), é forjada, então, a emergência de “Sua Majestade o Bebê”. Se o ego ideal pode vir a ser construído, é exatamente porque existe um outro que enxerga o sujeito como “Sua Majestade o Bebê”, que dirige a ele um tipo de atitude atravessada pela supervalorização, pela idealização e pela onipotência, que o vê como possuidor de tudo aquilo que é de valor. É neste sentido que Hugo Bleichmar (1985) descreve o ego ideal como efeito de um discurso carregado de paixão inconsciente.

Bleichmar diz então que o ego ideal é criado por um tipo singular de discurso, de olhar, e defende a importância de se analisar essa instância (e também o ideal do ego) com base nas propriedades do tipo de discurso com que ela é criada. O discurso que cria o ego ideal é denominado discurso totalizante, porque envolve admiração incondicional, admiração ligada não a um atributo, mas sim à totalidade da representação do sujeito – “Sua Majestade o Bebê” é proprietária de

“tudo aquilo” que é de valor. Ao desenvolver suas ideias sobre o discurso totalizante que constrói o ego ideal, discurso caracterizado pela incondicionalidade da admiração, esse autor afirma que:

Para que haja ego ideal, é necessário haver passado do exame do detalhe para a pessoa total. Isso permite entender por que foi no contexto teórico de *Introdução ao narcisismo* que Freud falou do ego ideal. Nesse trabalho, sustentou que para existir narcisismo é necessário um novo ato psíquico, que se forme o ego como unidade. [...] referia-se ao surgimento de uma representação na qual o sujeito fosse visto como uma unidade. Então, se para Freud o ego, nesse contexto teórico preciso do narcisismo, é uma representação da pessoa que a faz ver-se unificada, adjetivá-lo com o termo *ideal* não deixa lugar para dúvidas: é um ego considerado como modelo de perfeição (BLEICHMAR, 1985, p. 61-62).

Segundo Green (1983), a formação de um circuito idealizador entre o eu e o outro é intrínseca à constituição do ego ideal. Nesse circuito, o eu da criança é tomado como modelo de perfeição, isto é, como ideal, pelos pais e pela própria criança, assim como os pais o são pela criança. Cabe, neste ponto, destacar que, para a criança, o eu e o outro ainda encontram-se indiscriminados nesta etapa do desenvolvimento subjetivo; os limites ainda não estão bem definidos, nem entre o ego e o objeto, e nem os que virão a constituir as fronteiras entre o eu e a própria alteridade interna.

O dispositivo que está na base da formação deste circuito idealizador intrínseco ao surgimento do ego ideal, dispositivo que rege as primeiras relações entre o sujeito e suas figuras parentais, é a idealização. Trata-se de dispositivo que põe em jogo uma atitude de fascinação, que silencia a crítica e cria um estado em que a falta e o conflito estão ausentes. A idealização pode ser comparada com a ilusão, uma vez que ambas substituem a realidade pela realização absoluta do desejo.

Enquanto o ego ideal é instância de natureza fundamentalmente narcísica, construída sob o modelo da onipotência nos vínculos primários regidos pela idealização, o ideal do ego é uma instância pós-edípica cuja constituição demanda que a onipotência seja perdida. Logo, para a construção do ideal do ego, é imprescindível um trabalho de luto das idealizações ilusórias e absolutas do ego ideal, e a aceitação da falta e do conflito. Isso envolve o reconhecimento da impossibilidade de satisfação absoluta, o reconhecimento da necessidade de se tolerar a frustração. Além disso, outro reconhecimento é indispensável à formação do ideal do ego: o da existência do objeto como objeto-alteritário. Para que o ideal do ego se constitua, então, é necessário que o verdadeiro reconhecimento do objeto entre em cena.

Mas a presença da falta e do conflito “não implica que um sujeito não possa ser visto como possuidor da máxima perfeição para um determinado traço, mas que não há ninguém que ocupe o lugar da plenitude imaginária, isto é, seja a soma de todas as perfeições” (BLEICHMAR, 1985, p. 68). Esta observação, primeiramente, dá ênfase à relação entre a aceitação da falta e do conflito e a abdicção

à onipotência, ambas imprescindíveis ao surgimento e à prevalência do ideal do ego no funcionamento psíquico. Além disso, lança luz sobre as propriedades do tipo de discurso que cria o ideal do ego. Esse discurso é considerado discriminante, uma vez que diz respeito a determinado traço do sujeito, ou ainda, a determinado número de traços, mas nunca à totalidade da representação do sujeito.

Diferentemente do discurso totalizante – caracterizado pela incondicionalidade da admiração – no qual o sujeito assume o status de modelo definidor da perfeição sem que seus atributos sejam medidos com base em padrões de avaliação, o discurso discriminante implica avaliação de seus atributos em relação a um modelo. Deste modo, sob a ótica do discurso discriminante, cada atuação do sujeito é julgada em si mesma, em vez de ser admirada simplesmente por ser uma ação sua. Diante disso, Bleichmar (1985, p. 69) explica que distintamente do discurso totalizante, que “é retroativo, de inclusão de dados em categorias que preexistem a ele”, o discurso discriminante “é aberto, imprevisível em seus resultados” (BLEICHMAR, 1985, p. 69).

Portanto, trata-se da existência de admiração decorrente da satisfação de requisitos e sujeita à possibilidade de esgotamento. Este diferente tipo de olhar sobre o sujeito, olhar de um outro que o deseja desde que determinadas condições sejam cumpridas, possibilita a internalização dessa atitude do outro, instaurando uma instância de medida e de autoavaliação no psiquismo do próprio sujeito. A instauração desta instância avaliadora de si mesmo – o ideal do ego – decorre, assim, da internalização de uma avaliação externa, ou seja, de uma atitude avaliativa da parte do outro significativo.

Na realidade, o ideal constitui-se a partir do momento em que o outro deixa de ser um admirador incondicional que oferece ao sujeito a vivência de perfeição para passar a converter-se em alguém que exige do sujeito a adequação a determinadas normas. Essas, que agora requerem ser satisfeitas pelo sujeito para obter a admiração do outro, passam a constituir-se em seus ideais. O cessar da admiração incondicional e a queixa do outro quando o sujeito afasta-se de determinadas qualidades ou condutas desejáveis é o que cria, portanto, a dimensão do ideal (BLEICHMAR, 1985, p. 51).

Parece-nos nítida a articulação entre o discurso discriminante que cria o ideal (do ego) e a dominância de um tipo de juízo que Freud (1976[1911]) denominou juízo imparcial, o qual é guiado pelo princípio de realidade e julga as ideias a partir de uma comparação com algo exterior a elas. O ideal do ego está encarregado, então, de representar as exigências da realidade, e de permitir que o sujeito concilie essas exigências com o prazer. Tal conciliação aponta para o desenvolvimento da capacidade do sujeito de tolerar as frustrações da cultura.

É possível vislumbrarmos que a idealização – como geradora de uma atitude de fascinação que silencia a crítica e cria um estado em que a falta e o conflito estão ausentes e a realidade é substituída pela realização absoluta do desejo – não se configura como dispositivo privilegiado sobre o qual se apoia a constituição do ideal do

ego. Segundo Zeferino Rocha (2007), dentre os dispositivos postos em movimento pelo ideal do ego, o mecanismo da sublimação – que não apenas assegura a falta, como possibilita ao sujeito elaborá-la – tem lugar de destaque. Este trabalho do sujeito sobre a falta é responsável pela mobilidade dos investimentos objetivos.

### SUBLIMAÇÃO E IDEALIZAÇÃO

A sublimação é um dos possíveis destinos das pulsões. Ao comparar a sublimação com outro possível destino pulsional, o recalque, Sophie Mellor-Picaut (1983) aponta duas vantagens da primeira sobre o segundo: permite a realização da pulsão e, ao mesmo tempo, responde ao que requer o ideal do ego. Ela define o movimento sublimatório como um deslocamento da libido sobre objetos e objetivos que são aceitos pelo ideal e pela sociedade. Se os investimentos libidinais promovidos pela sublimação atendem ao que requer o ideal do ego, isto significa que o movimento sublimatório envolve o abandono de objetos e objetivos primitivos. Desse modo, o processo sublimatório está essencialmente articulado ao trabalho de luto das idealizações ilusórias do ego ideal.

Mellor-Picaut (1983) procura não restringir a noção de sublimação às dimensões de intelectualização e de afastamento do objetivo sexual: amplia a sua compreensão ao definir a sublimação também como processo de metabolização da pulsão. O que nos parece estar em jogo na sublimação não é apenas o afastamento do prazer “sexual” imediato, e sim o afastamento do prazer imediato de maneira geral. Essa proposição justifica-se pelo fato de esse mecanismo atender à demanda do ideal do ego quanto à tomada em consideração das exigências da realidade, colocando em pauta as questões da tolerância às frustrações da cultura e da falta.

Apesar de estarmos buscando também alargar nossa visão sobre a sublimação, devemos admitir que o eixo que essa noção comporta no que se refere ao abandono do objetivo sexual, à dessexualização, é crucial para entendermos sua ligação com a identificação. Mellor-Picaut recupera, a propósito da identificação – na qual o ego, assumindo as características do objeto, reivindica o amor do id – a seguinte citação de Freud (1976[1923], p. 44): “A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização – uma espécie de sublimação, portanto”. A partir dessa citação, a autora articula sublimação e identificação, explicando: para que o ego possa se revestir dos traços do objeto, oferecendo-se ao amor do id e recompensando-o por sua perda, é necessário que o objeto seja interiorizado e transformado em parte do ego. Para tal, o objetivo sexual primitivo há de ser abandonado, e “a sublimação aparece então como aquilo que torna possível a substituição do investimento objetal por uma identificação ao objeto” (MELLOR-PICAUT, 1983, p. 134, tradução nossa).

Carmen Da Poian (1998), na mesma linha de raciocínio, estabelece relações entre a sublimação e a identificação. Ela desenvolve que na identificação o ego introjeta os objetos ideais, tornando-os elementos constitutivos seus, e acrescenta que:

nesse processo a libido se destaca dos laços objetivos voltando-se para o eu e dessexualizando-se, o que possibilita a mobilidade da energia de tal modo que os objetos tornam-se facilmente substituíveis, ao contrário das fixações que se produzem na idealização (DA POIAN, 1998, p. 137).

Ao conduzir nosso exame da noção de sublimação para sua imbricação com a identificação, acabamos por nos deparar com a fundamental oposição entre o mecanismo da sublimação e o dispositivo da idealização – o qual, como já afirmamos, rege as primeiras relações que dão origem à constituição do ego ideal. Requer-se constatar agora que a idealização não se faz agir no psiquismo somente na construção do ego ideal: diante do fracasso quanto à modificação dos vínculos primários, esse dispositivo tende a permanecer em cena.

Quando o movimento sublimatório não dá conta de tal modificação, a abertura das vias de identificação é obstaculizada, o que significa o comprometimento da introjeção e da apropriação dos objetos primários. O dispositivo da idealização pode então insistir em dominar a cena, sendo a identificação com o objeto substituída aí pela permanência dele numa posição de “exterior” – “exterior” porque, nesses casos, o objeto não se encontra interiorizado, no sentido de metabolizado, de transformado em parte do próprio ego.

Na idealização, portanto, a exteriorização toma o lugar da interiorização do objeto. O objeto, cristalizado nesta posição de “exterior”, assume o status de objeto-suporte sobre o qual a libido é concentrada. A concentração da libido sobre o objeto que aí se dá produz o bloqueio e a paralisia dos caminhos da libido. O que estamos definindo como idealização é aquilo que Freud, em “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1976[1921]), propôs descrever como “fascinação” ou “servidão”. Na idealização, ocorre o superinvestimento de um objeto “externo”; já na identificação, o objeto é perdido e integrado no ego.

O ideal do ego só pode ser construído mediante sólido processo de identificação, no qual as figuras parentais – objetos primários idealizados – tornam-se parte integrada do ego. Na ausência desse sólido processo, a idealização tende a invadir o campo psíquico, de modo que o ego renuncia à sua libido narcísica, concentrando os investimentos num objeto “exterior” e alienante.

## O FENÔMENO DA DROGADICÇÃO COMO ILUSTRAÇÃO

A partir das ideias de fascinação, fixação e exteriorização é possível notar que a idealização instaura um estado de dependência. Se a identificação permite a apropriação dos objetos parentais, a não modificação dos vínculos primários pela sublimação e a persistência da idealização mantêm a situação de desamparo da infância, na qual o sujeito se acha na completa dependência do outro parental. Da Poian (1998) qualifica a dependência instaurada pela idealização como “cega” e enumera exemplos em que esse tipo de dependência pode ser notado; entre eles, determinadas situações de uso de drogas.

Rocha (2007), ao discorrer sobre as idealizações – as quais, segundo ele, envolvem um tipo de investimento que tem como modelo a onipotência narcísica do ego ideal – também cita a droga como exemplo. Isso significa que o investimento do sujeito no objeto-droga pode ser regido pela idealização, ou seja, pode envolver aspectos como o registro do absoluto, a fixação, a renúncia à libido narcísica e a concentração dos investimentos num objeto “exteriorizado” e alienante. Essa possibilidade se concretiza nos casos em que o investimento do sujeito no objeto-droga se dá de forma adictiva, em que uma dependência “cega” tem lugar.

Acreditamos que, quanto aos jovens drogadicctos da atualidade, o investimento no objeto-droga é orientado pela idealização na exata medida em que também o são as suas relações com os objetos parentais. No que diz respeito a esses jovens, o trabalho de luto objetual e o processo de diferenciação entre o ego e o objeto dão sinais de grave comprometimento. Os objetos parentais parecem se fazer excessivamente presentes no universo mental desses jovens, achando-se o ego aí diante de dominação interna, de possessão por tais objetos e, portanto, diante da concentração, nestes objetos alienantes, de sua própria libido narcísica.

Siderado pelo poder desses objetos, o drogadiccto parece tentar escapar da manutenção de tal situação de desamparo por meio do uso compulsivo de substâncias tóxicas. É possível que se perceba aí uma tentativa do sujeito de regulação das tensões internas por meio do contrainvestimento num objeto concretamente externo. “Mas a armadilha se fecha sobre ele, e lá onde acreditava desvencilhar-se do poder do objeto, ele encontra a dependência ligada a um *objeto material* que vai dominá-lo bem mais [...]” (CORCOS, 2004, p. 484, tradução nossa, grifo nosso).

No artigo “A servidão ao ‘outro’ nos estados limites”, Cardoso (2005) aborda, entre diversos outros aspectos envolvidos nos estados limites, a questão da natureza singular do objeto. Ao fazê-lo, aponta, exatamente, para a existência, nesses casos, de desvio relacionado à contingência que geralmente caracteriza a natureza pulsional do objeto. A adicção é mencionada como exemplo de estado em que o objeto alcança condição de fixo, insubstituível, único. Apesar de não aprofundar a temática da idealização, a autora a tangencia, aproximando a noção de idealização do objeto da situação de fascinação, no sentido de uma servidão. Vale, aqui, lembrarmos que a definição de idealização que circunscrevemos vai ao encontro daquilo que o próprio Freud (1976[1921]) descreveu, precisamente, como “fascinação” ou “servidão”.

No recurso ao uso adictivo de drogas por parte dos jovens da atualidade, da forma como o estamos pensando, o objeto-droga representa então, de modo exclusivo, um objeto obrigatoriamente “necessário” para o sujeito. Mas é interessante notarmos que, ao mesmo tempo em que o sujeito depende “cegamente” desse objeto, trata-se de um objeto controlável, que o sujeito manipula em sua incessante busca de satisfação absoluta e onipotente.

A relação que se estabelece, então, entre sujeito e objeto no circuito idealizador próprio à construção e à predominância do ego ideal no psiquismo remete-nos a outra relação: aquela do drogadiccto com o objeto de sua adicção. Nessa relação,

o objeto-droga assume caráter indispensável ao bem-estar e à sobrevivência em si do sujeito; mas, ao mesmo tempo, manipulando esse objeto, isto é, consumindo-o, o sujeito pode conferir a si próprio onipotência e satisfação de tipo absoluto.

Logo, o modo de relação que o drogadicto trava com o objeto-droga nos parece, mais uma vez, no que se refere especificamente ao jovem drogadicto da atualidade, análogo a seus vínculos com os objetos parentais, os quais cremos serem rígidos, primariamente e “insistentemente”, pelo dispositivo da idealização. Quanto à incessante busca da onipotência e da satisfação de tipo absoluto, a idealização também estaria ligada a algo inerente aos vínculos desse jovem com suas figuras parentais: à exigência de gozo por parte dessas figuras, ao dever de continuar atendendo a seu ideal narcísico.

Se, no recurso ao uso adictivo de drogas por parte dos jovens da atualidade, está em jogo uma busca de satisfação absoluta e onipotente, se sob esse recurso subjaz a insistência do dispositivo da idealização, isso indica, a nosso ver, o não abandono de objetos e objetivos primitivos e o não afastamento do prazer imediato. Logo, indica a existência de embaraços no que se refere à ingerência do movimento sublimatório na modificação das primeiras relações de objeto. O desenvolvimento de sólido processo sublimatório “não somente deixa a falta subsistir, mas assegura ao sujeito a possibilidade de investir como aquilo que permite a mobilidade dos investimentos e do questionamento” (MELLOR-PICAUT, 1983, p. 139, tradução nossa). Porém, o drogadicto não somente é intolerante à falta, mas tem seus investimentos engessados no objeto-droga.

Se o funcionamento psíquico do jovem drogadicto da atualidade aponta para a insistência da idealização, sendo a sua relação com o objeto-droga orientada por um modelo primitivo e onipotente; se esse sujeito busca um tipo absoluto de satisfação próprio ao ego ideal; se em seu psiquismo a frustração desponta como insuportável, não havendo lugar para a falta e o conflito, sustentamos a seguinte hipótese: a da organização de seu aparelho mental sob a supremacia do ego ideal.

A existência de obstáculos na passagem da predominância do ego ideal à prevalência do ideal do ego também está ligada, para além dos aspectos que já investigamos, à manutenção da projeção da onipotência narcísica parental no jovem em questão. Ou seja, julgamos que as figuras parentais desse jovem têm dificuldades quanto a deixar de admirá-lo dentro de uma lógica em que tudo o que se faça está bem, não cabendo objeção, porque a retirada da projeção de sua própria onipotência narcísica acha-se comprometida. E enquanto o sujeito continua cumprindo a condição de ser suporte da onipotência narcísica parental, enquanto permanece na posição indiferenciada de “objeto-não objeto” sobre o qual os pais mantêm depositadas suas próprias expectativas e desejos, seu próprio ideal narcísico, o discurso totalizante não dá lugar ao discurso discriminante.

Nos jovens que estamos analisando, o investimento no objeto-droga parece ser orientado pela idealização, tal qual também o são as suas relações com os objetos parentais. E se a persistência da idealização mantém esses jovens na situação de desamparo da infância, é preciso sublinhar que são seus próprios pais, *a priori*, que parecem se encontrar num estado de dependência. A busca de oni-

potência e de uma satisfação de tipo absoluto por parte desses jovens, por meio do recurso ao uso adictivo do objeto-droga, revela a sua própria dependência e desamparo e, simultânea e paradoxalmente, uma tentativa de deles escapar.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, J. O objeto único. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro v. 15, n. 18, p. 67-85, 1999.

BIRMAN, J. Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano. In: CARDOSO, M. R.; MARTY, F. (Org.) *Destinos da adolescência*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 81-105.

BLEICHMAR, H. *O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

CARDOSO, M. R. (Org.). Adolescência e violência: uma questão de ‘fronteiras’? In: \_\_\_\_\_. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU / FAPERJ, 2001. p. 41-53.

CARDOSO, M. R. A servidão ao “outro” nos estados limites. *Psychê Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano IX, n. 16, p. 65-75, jul./dez. 2005.

CORCOS, M. Conduites de dépendance à l’adolescence. *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, v. 68, n. 2, p. 469-493, 2004.

DA POIAN, C. O desamparo e a questão dos ideais. *Desamparo. Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, ano 20, n. 12. p. 133-140, 1998.

EIGUER, A. *La famille de l’adolescent: le retour des ancêtres*. Paris: In Press, 2001.

FIGUEIREDO, L. C. Saindo da adolescência. In: CARDOSO, M. R. (Org.). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006. p. 63-77.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XII, p. 277-290. Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIV, p. 85-119. Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: \_\_\_\_\_. *Obras*

*Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII, p. 89-147. Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX, p. 23-79, Edição Standard Brasileira.

GREEN, A. L'idéal: mesure et démesure. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 27. Paris: Éditions Gallimard, 1983. p. 255-292.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

KEHL, M. R. A “teenagização” da cultura ocidental. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 set. 1998. Caderno Mais, p. 7.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (Org.). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. p. 24-62.

LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MELLOR-PICAUT, S. Idérialisation et sublimation. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Paris, n. 27, p. 124-140, 1983.

PINHEIRO, T. Narcisismo, sexualidade e morte. In: CARDOSO, M. R. (Org.). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU / FAPERJ, 2001. p. 69-79.

ROCHA, A. P. R.; GARCIA, C. A. A adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 28, n. 3. p. 622-631, 2008.

ROCHA, Z. Esperança não é esperar, é caminhar: reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 255-273, jun. 2007.

ROUSSILLON, R. Pluralité de l'appropriation subjective. In: RICHARD, F.; WAINRIB, S. (Org.). *La Subjectivation*. Paris: Dunod, 2006. p. 59-80.

WINNICOTT, D.W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1953). In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-44.

Recebido em: 17 de maio de 2010

Aceito em: 28 de março de 2012